

Haiti: Quênia só enviará força com novo governo

País africano decidiu adiar deslocamento de mil policiais para ajudar nação caribenha a controlar violência de gangues após premier haitiano anunciar que renunciará logo que Conselho Presidencial provisório for formado

REUTERS/ALAMY

Autoridades do Quênia anunciaram ontem que o deslocamento de mil policiais ao Haiti para ajudar a combater a onda de violência desatada por gangues, que controlam 80% do território, está suspensa até que um novo governo seja formado no país caribenho. Na noite anterior, o primeiro-ministro do Haiti anunciou que renunciaria assim que for estabelecido um Conselho Presidencial transitório que abra caminho para uma nova eleição.

EUA SÃO CONTRA ADIAMENTO Korrin Stapp, principal secretário das Relações Exteriores do país africano, disse à AFP que houve uma "mudança fundamental nas circunstâncias como consequência da ruptura da lei e da ordem e da subsequente renúncia do primeiro-ministro do Haiti". Ele acrescentou: "Sem uma administração política no Haiti, não há ancoragem na qual se possa apoiar um deslocamento policial, portanto o governo aguardará até que uma nova autoridade constitucional seja instalada no Haiti antes de tomar novas decisões a respeito."

Os EUA reagiram ao anúncio afirmando que não veem necessidade em adiar a missão e que um acordo de transição permitirá o estabelecimento de um novo governo, como quer o Quênia.

— É claro que ficaria preocupado com qualquer atraso, mas não achamos que



Clima de medo. Policiais haitianos patrulham uma rua da capital, Porto Príncipe, força de segurança do país é insuficiente para conter a violência das gangues

um adiamento seja necessário — disse à imprensa o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller.

Henry, que se encontra em Porto Rico, confirmou sua decisão de renunciar em uma conversa telefônica com o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, que participou na segunda reunião em caráter de urgência da Comunidade do Caribe (Caricom) em Kingston, capital da Jamaica, para abordar a crise no Haiti.

— O governo que eu liderei se retirará imediatamente depois da instalação do conselho — disse Henry em um discurso gravado

na língua crioula haitiana e postado nas redes sociais, em que mencionou o caos que tomou o Haiti. — Nos magoa a revolta ver todas essas pessoas morrendo. O governo que liderei não pode continuar insensível a essa situação.

Após a reunião de segunda-feira, líderes das 15 nações do Caribe, que lideram a pressão para a criação do conselho, disseram que ainda não foi finalizado nenhum plano nesse sentido — o que deixa em aberto se Henry realmente deixará o cargo. Mohamed Issaouli, presidente da Guiné e da Caricom, anunciou que "tomamos nota da renúncia do primeiro-ministro Ariel Henry", mas que "ainda há um longo caminho a percorrer".

SEM ELEIÇÕES DESDE 2016

O Haiti mergulhou num estado de extrema instabilidade desde o assassinato do presidente Jovenel Moïse, em 2021, que levou à violência generalizada de gangues. Henry, que tomou posse como primeiro-ministro apenas duas semanas após o assassinato, deveria ter deixado o governo em fevereiro, mas permaneceu no cargo após um acordo

com a oposição. A crise institucional, no entanto, vem de antes do magnicídio: desde 2016, o país não celebra eleições para escolher um presidente nem quaisquer outras autoridades.

O objetivo é que o conselho exerça as autoridades presidenciais durante a transição, operando por maioria de votos. O órgão será composto por sete membros que representam os maiores partidos políticos do país, o setor privado e o Acordo de Montana, uma coalizão que apresentou a proposta de um governo interino após o assassinato de Moïse. O conselho também terá dois observadores sem direito a voto: um para a sociedade civil e outro para a comunidade religiosa.

Blinken, o chefe da diplomacia americana, anunciou que os EUA fornecerão US\$ 100 milhões (R\$ 498 milhões) adicionais para a futura Missão Multinacional de Apoio à Segurança, além de US\$ 33 milhões (R\$ 165 milhões) em ajuda humanitária, elevando para US\$ 333 milhões (R\$ 1,66 bilhão) o total de promessas do país ao Haiti durante a crise, que já dura anos.

— Podemos ajudar a restaurar uma base de segurança — disse Blinken em Kingston. — Só o povo haitiano pode, e só o povo haitiano deve determinar o seu próprio futuro, e mais ninguém.

RETIRADA DE FUNCIONÁRIOS

O presidente americano, Joe Biden, descartou a possibilidade de enviar tropas ao Haiti, pois que os EUA ocuparam durante quase duas décadas no século passado e que foi cenário de algumas intervenções desde então. Após a viagem ao Quênia, Henry não conseguiu retornar a Porto Príncipe devido à insegurança no aeroporto, cercado e atacado pelas gangues que queriam impedir sua volta, e seguiu para Porto Rico depois que a vizinha República Dominicana negou autorização para a aterrissagem de seu avião.

Durante o fim de semana, Washington retirou funcionários não essenciais de sua embaixada em Porto Príncipe e reforçou a segurança no local. Na segunda-feira, a União Europeia também anunciou a retirada de seus funcionários. Segundo a Organização Internacional das Migrações, 362 mil pessoas estão deslocadas no Haiti, número que aumentou 15% desde janeiro. (Com New York Times e AFP)

Médicos relatam violência de soldados israelenses em Gaza

Reino Unido pede investigação após denúncias em reportagem da BBC

UNHCR

Denúncias, espancamento, humilhações e uma estrofa de Davi desenhada no rosto após ter a mão quebrada. Esses são apenas alguns dos relatos feitos por médicos do Complexo Médico Nasser, o maior hospital de Khan Younis, no sul da Faixa de Gaza, a rede britânica BBC. Os casos teriam ocorrido durante a invasão do Exército de Israel na unidade, em meados de fevereiro, e a violência denunciada levou a Chancelaria britânica a pedir uma investigação.

— É preciso haver uma investigação completa e minuciosa e uma responsabilização pelo que foi relatado pela BBC. O Ministério das Relações Exteriores está pressionando por total transparência e responsabilização — afirmou o ministro para o Desenvolvimento e África, Andrew Mitchell, no Parlamento.

Um vídeo compartilhado com a rede britânica mostra uma fila de homens de cueca, ajoelhados e com as mãos atrás da cabeça. Eles ficaram naquela posição "por cerca de duas horas", segundo o diretor

geral do complexo, Atef al-Hout. Em uma publicação na rede social X (antigo Twitter) à época, Israel afirmou ter detido quase cem pessoas "suspeitas de atividade terrorista".

A rede britânica afirma que recebeu o nome de 49 profissionais de saúde que teriam sido detidos e levados para um anexo hospitalar. Lá, foram espancados e depois transportados para um centro de detenção, ainda seminus.

ESTRELA DE DAVI NO GESSO

Entre os detidos estava Ahmed Abu Sabha, de 26 anos, recém-formado em Medicina, que trabalhava como voluntário na unidade e conversou dois profissionais de saúde detidos também falaram sob condição de anonimato. Abu Sabha contou que ficou preso por uma semana e pensou que "seria executado". O jovem e os outros dois profissionais de saúde também afirmaram à BBC que foram amontoados em um veículo, vendados e espancados. As agressões, segundo eles, aconteciam com paus, mangueiras, coronhadas e socos.

— Nos tiraram de Gaza. Durante todo o caminho, apanhamos, fomos xingados e humilhados. Fizeram água fria em nós — relembrou um deles.

O médico contou à BBC que punições eram rotineiras, muitas vezes por pequenas infrações, e relembrou um caso: a venda que usava escorregou e, por estar algemado, não conseguiu ajeitá-la.

— Eles me levaram para ser castigado. Fiquei preso com as mãos para o alto e o rosto para baixo por três horas. Então, ele [soldado] me pediu para ir à toalete. Quando fui isso, ele bateu na minha mão até quebrá-la.

No dia seguinte, um médico israelense pôs gesso num braço seu, onde soldados israelenses, segundo seu relato, desenharam uma estrela de Davi.

As Forças Armadas de Israel não responderam diretamente às perguntas sobre os relatos nem negaram as alegações específicas, mas afirmaram que "qualquer abuso de detentos é contrário às ordens das IDF [sigla das Forças Armadas em inglês] e, portanto, é estritamente proibido". A principal alegação do Exército para invadir o hospi-



Humilhações. Homens, entre eles médicos, são levados em invasão de soldados de Israel a um hospital em Gaza

Navio faz 1ª viagem em corredor humanitário de Chipre ao enclave

— O primeiro navio a inaugurar um corredor marítimo entre Chipre e Gaza, anunciado na sexta-feira pela União Europeia (UE), zarpará ontem em direção ao enclave com quase 200 toneladas de alimentos, informou a Open Arms, ONG espanhola proprietária da embarcação. "Abre-se o corredor humanitário marítimo para a Faixa, numa missão de elevada complexidade que confiamos que será a primeira de muitas que conseguiremos aliviar a situação de emergência humanitária que vive a população", escreveu a organi-

zação em uma mensagem na rede social X (antigo Twitter).

— A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse que a partida do navio para Gaza foi um "sinal de esperança". Chipre é o país da UE mais próximo de Gaza, a 370 km.

Também na semana passada, os EUA anunciaram a criação de um pier temporário em Gaza para facilitar a entrega de ajuda humanitária. A ONU estima que 2,2 milhões de pessoas estejam ameaçadas pela fome em Gaza.

tal era de que os membros do Hamas teriam se escondecido entre feridos. À época, o porta-voz das Forças Armadas, Daniel Hagari, disse ter "informações confiáveis" de que o Hamas havia mantido refúgio no hospital e que os corpos estariam no local.

'ARMADE GUERRA'

Familiares de outros cinco profissionais de saúde afirmaram à BBC que seus parentes estão desaparecidos. Os médicos, por sua vez, disseram à BBC que pelo menos 13 pacientes morreram dias depois, a maior parte devido à condição precária no hospital. Ontem, o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, denunciou o uso da fome "como arma de guerra" em Gaza no Conselho de Segurança.